

## Conclusão

### 4. [www.queridodiario.com...](http://www.queridodiario.com...) #sqn<sup>1</sup>: o estilo da escrita na internet

“A paixão, o desejo, as vivências urbanas e as impressões cotidianas tematizam uma poesia lancinante e ao mesmo tempo delicada.”<sup>2</sup>

Para Barthes a escrita era um índice de classe. E hoje, com as novas tecnologias, ainda o seria? Ele já caracterizou a escrita como uma atividade “continuamente contraditória” sendo, pois, ao mesmo tempo, “objeto estritamente mercantil, um instrumento de segregação, preso à mais crua realidade das sociedades”, e uma “prática de gozo, ligada às profundezas pulsionais do corpo e às produções mais sutis e mais felizes da arte”. O livro não é o lugar da democratização, mas da exclusão. E a internet? Ela surgiu, a princípio, como meio de interação e igualdade de condições. Ao menos era assim que eu a via. Mas da mesma maneira como que esse novo campo surgiu, com uma lan-house a cada esquina, surgiu também uma forma de segregação: É preciso tempo “livre” para acessar a internet. Como disse Barthes, o poder está por todos os lados, é, “simetricamente, perpétuo no tempo histórico: expulso, extenuado aqui, ele reaparece ali; nunca perece”<sup>3</sup>. E, se a língua é o objeto onde se inscreve o poder, ainda que em termos operacionais todos possam ter um blog e dar voz às suas vidas por meio desse espaço na internet, é preciso ter um mínimo de domínio da escrita e de conhecimento das ferramentas e linguagens específicas dessa tecnologia. A internet apareceu como uma esperança de vida melhor. Acredito que ela tenha, sim, este potencial, mas somente se for utilizada para tal. Da mesma maneira pode ser ferramenta para o gozo e para o poder. A internet é uma alternativa à mídia que, voltada para o conjunto da população, com o papel de divulgar informação amplamente, funciona, no entanto, sob controle de interesses

---

<sup>1</sup> Abreviatura muito usada na internet para a expressão irônica “só que não”, que serve para contrariar, com humor, algo dito anteriormente. Por exemplo: “é muito fácil escrever uma dissertação. #sqn”

<sup>2</sup> Site do IMS sobre livro de Ana Cristina César, *A teus pés*.

<sup>3</sup> BARTHES, Roland. Aula. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Editora Cultrix, 1978. p.12

econômicos, impedindo, assim, que responda, como deveria, à multiplicidade de demandas diferentes e conflitantes de todos os segmentos sociais.

Em uma recente coluna de jornal<sup>4</sup>, Daniel Galera enumerou um “conjunto de previsões que apareceram na virada do milênio, com o surgimento e popularização da web”, entre elas: a morte do romance dando espaço ao conto, público com déficit de atenção, hipertexto e hiperlink excluindo a linearidade das estruturas narrativas, maior participação do leitor, abolição da autoria, nova narrativa multimídia, e linguagem escrita tornando-se cada vez mais sucinta e veloz, reflexo da linguagem das crianças e jovens nos chats. Hoje, mais de uma década depois das previsões, “já não se pode ignorar que a ‘revolução literária causada pela internet’ não ocorreu. Ou até ocorreu, mas não no sentido de modificar a maneira como escrevemos. Ocorrem mudanças na maneira como lemos, consumimos e debatemos a literatura.” A que noção de “literatura” caberia a escrita pessoal e elaborada dos blogs? A escritora Ivana Arruda Leite, que mantém um blog com diversos textos (entre eles poesias, contos e crônicas) há quase dez anos, respondeu-me em entrevista (em anexo) que “a escrita do blog não tem nada a ver com literatura”. Nada? Se notarmos o deslizamento entre gêneros tradicionalmente literários e os novos gêneros distantes do circuito impresso, afetando tanto a leitura quanto a escrita, por que afastá-los?

#### 4.1 O registro virtual de si

A escrita da “intimidade” que hoje presenciamos tem relação com a classe burguesa, que teria produzido e reforçado a noção de indivíduo com uma psicologia a ser, em parte, reservada ao espaço privado. Hoje, com a expansão midiática, tal noção de indivíduo transformou-se e a exigência de preservação da intimidade inverteu-se em exigência da exposição. Vivemos o surto da autoficção, da intimidade e da vida privada. Paralelamente, há emergência de micro-narrativas, contos, frases breves, não havendo mais tanto espaço para o monumental devido à rapidez no consumo das narrativas na contemporaneidade. Quando o leitor muda, o mercado editorial muda para satisfazer e receber as novas

---

<sup>4</sup> Aquela nova literatura. *O Globo* 27/05/13

exigências do público. As duas instâncias influenciam-se mutuamente: o mercado sinaliza tendências que o público assume como suas expectativas, que precisam ser atendidas. E, se a figura de leitor não é universal e o leitor clássico está morrendo, o leitor de internet, o que é? Há “diferentes lugares por onde passa atualmente o conhecimento, exigindo-se a revisão de antigos preconceitos relativos à separação entre cultura erudita, popular e de massa” (SOUZA, 2002,p.67). Ao lado da exigência de fluidez e brevidade, a aceleração das relações entre desconhecidos, por via virtual, passa a incentivar a curiosidade pela vida privada do outro, ao mesmo tempo distante e próximo. Em entrevista a um blog sobre cartas, quando indagada sobre o porquê da escolha de escrever um blog se as cartas poderiam ser escritas em um caderno ou diário, Mariáh Luz respondeu:

Eu senti necessidade de escrever, porque eu uso a escrita para aliviar minhas angústias. Sinto que quando eu escrevo, aquela situação sai dos meus pensamentos e fico um pouco “livre” daquilo. Claro que eu poderia escrever em um caderno e não expor nada. No começo foi para que meus amigos lessem e soubessem como eu estava, para acompanhar a gravidez. Depois, pessoas que eu não conheço me escreviam, diziam que aquilo as ajudava e me contavam sua história. Havia uma troca que me fazia muito bem.<sup>5</sup>

Como me disse Ana Claudia Viegas em meu seminário de qualificação, “novos objetos geram novos campos de estudo para a literatura”, e a escrita na internet embarca nesses tempos de valorização do íntimo e pessoal (na televisão há “reality shows” de todos os temas imagináveis, confinamentos em casas, fazendas, aulas de música e até mesmo de jogos eróticos). É uma marca desse tempo e, nas redes sociais da internet, faz-se uma nova configuração de relações, cada um tem seu momento de “fama”, seus fãs, seu espaço de voz, seu espaço para escrever-se personagem de si mesmo. Para Mariáh, o blog serviu como espaço de visibilidade e troca de experiência. Em uma carta ela conta, por exemplo, que se sentia orgulhosa quando na rua elogiavam seu filho assim como quando recebia comentários elogiosos ao mesmo em seu blog.

Ainda segundo Ana Claudia, cada novo meio que surge reúne características dos antigos e acrescenta outras que lhe são singulares. O facebook, por exemplo, reúne características do blog, seu antecessor - pois cada usuário tem espaço em sua própria página para escrever, agregando-lhe outras ferramentas como álbum

<sup>5</sup> <<http://mundodascartas.com/wp/cartas-ao-meu-bebe/>>

de fotos, bloco de notas, opções de “curtir” e compartilhar postagens, etc. Seguindo o pensamento da cantora Leticia Novaes, que disse: “escrevo blog porque me pareceu uma evolução do diário e das agendas. e porque me conecta, de alguma maneira ínfima, a outras pessoas que gostam de literatura”<sup>6</sup>; podemos pensar que os blogs trouxeram características próprias dos diários com o acréscimo de que há espaços para comentários e troca com os leitores que também escrevem, além, claro, do estímulo da transferência dos escritos pessoais, privados, fechados em cadernos, abrirem-se, na tela, para o público amplo.

## 4.2 O blog

A internet é um bom exemplo de um mundo dito “pós-moderno” (ou “contemporâneo”, ou da “modernidade tardia”): líquido, fragmentado e em excesso. Se Cortázar descrevia, em seu conto “Fim do mundo do fim”, o excesso de palavras impressas no mundo, hoje se acumulam a essas os textos na rede virtual. Na internet, o sujeito pode ter variadas máscaras, é "pluridentitário". Uma pessoa pode conversar separadamente, mas de forma simultânea, com várias pessoas ao mesmo tempo, e sobre diversos assuntos sem necessária ligação, nos chamados *chats* ou bate-papos. É a fragmentação do ser. Como disse Deleuze, não há mais o “indivíduo”, uno, individual, particular. Há o “divíduo”, divisível, o ser diluído. Cada um veste uma determinada máscara social para um determinado evento.

Os blogs são exemplo desse “deslocamento do ponto de mira onisciente e ordenador em benefício da pluralidade de vozes, da hibridização, da mistura irreverente de cânones, retóricas, paradigmas e estilos”<sup>7</sup> de que fala Arfuch. Yoani Sánchez refere-se a si mesma como “uma balseira no ciberespaço” e diz que em Cuba “não há lugar para criaturas híbridas e inovadoras como pode vir a ser um blog”<sup>8</sup>.

<sup>6</sup> Entrevista-bate-papo completa em anexo.

<sup>7</sup> ARFUCH, Leonor: *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Trad. Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

<sup>8</sup> SÁNCHEZ, Yoani. *De Cuba, com carinho*. Trad. Benivaldo Araújo e Carlos Petrolini Jr. São Paulo: Contexto, 2009, p.12.

Vivemos um momento em que as grandes narrativas, os grandes temas, a História oficial e a Verdade inquestionável vão dando espaço às pequenas histórias, de pessoas comuns e suas muitas verdades. Não podemos mais conceber a história como escrita por uma única voz oficial. A história que se escreve e que lemos todos os dias não está restrita ao livro, aos anúncios do governo, mas pertence também a milhões de pessoas que manifestam cotidianamente suas opiniões e pontos de vista. Uma notícia publicada na internet é rapidamente disseminada nas redes sociais e geralmente com adição de comentários pessoais. Além dos sites oficiais e telejornais, podemos encontrar blogs e páginas com outras versões de um mesmo acontecimento ou notícia. Graças à internet (e não digo ingenuamente, sei de seus problemas), a pluralidade de vozes se confronta com a voz única.

A democratização ainda que relativa da escrita e a vulgarização do acesso a internet permitiram o surgimento de novos autores. É esse mesmo espaço que lhes dá voz e visibilidade, mas também os conduz a um tubo infinito onde sua escrita é mais uma no excesso de vozes e palavras. Como destacar-se em um espaço tão amplo como a internet? Através de outras mídias, edição de livros, participação em encontros e debates talvez específicos? De que ferramentas Yoani Sánchez precisou para que obtivesse reconhecimento dentro desse meio em que a cada dia surge um novo blog? Utilizou-se de livros lançados, prêmios recebidos e matérias jornalísticas indicando seu site. Mas só os lançou, só os recebeu, só foi citada e indicada pelo número de leitores que garantiu o sucesso de seu blog. Como a internet então ressalta? Como criar um possível cânone nesse campo? Faz-se necessário esse filtro?

### **4.3 Blogs do eu, blogs de nós**

A internet pode vir a ser um fenômeno de “mundialização”. Globalização é diferente de mundialização. A primeira pressupõe um esquema de homogeneização com uma sociedade centrada em um modelo de consumo pré-determinado, enquanto a segunda propõe o acesso a informação, em que somos não consumidores mas pesquisadores, com acesso a textos, museus e pessoas de

outros países com os quais não teríamos contato se não por esse meio. O sujeito pode sair da posição subalterna e passiva usando a internet como ferramenta para ter acesso a toda informação circulante e, assim, veicular ao lado dos demais, suas reivindicações e opiniões. É a possibilidade de “desrrecalar” essa posição de dependência e obscuridade através da palavra online. O blog se conta entre os muitos espaços virtuais abertos a qualquer um que tenha algum domínio da escrita e queira comunicar-se.

O que um blog pode ser? Quem você quer ser?

*“Eu Isadora Faber que tenho 13 anos, estou fazendo essa página sozinha, para mostrar a verdade sobre as escolas públicas. Quero melhor (sic) não só pra mim, mas pra todos.”*



Figura 7 - Reprodução de página do Facebook “Diário de Classe: A verdade”

*“Cuando empecé a escribir mi blog Generación Y, quería sacar a la luz pública muchas frustraciones, quería hacerlo sin violencia verbal, ni con un discurso político, sino a través de un texto moderado, que pudiera influir en las personas que lo leyeran.”* (Yoani Sánchez)



<sup>9</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/DiariodeClasseSC?ref=ts&fref=ts>> Acesso em: mar. 2014.

Figura 8 – Reprodução de Blog de Yoani Sánchez

Yoani e a menina Isadora não estão sozinhas. Não estamos. Nós que fazemos parte dessa massa. E a “massa” não é homogênea. São os (até então) anônimos ocupando o espaço antes reservado aos grandes mitos e heróis, através de uma teia de fragmentos. A opinião contida no blog não é apenas de Sánchez, mas de todos que visitam e comentam frequentemente seu espaço na internet, toda a comunidade de opinião que se cria ao redor de seus textos, formando um intercâmbio intelectual entre indivíduos. O blog de Sánchez inspirou diversos outros cubanos a criarem seus espaços na internet. O mesmo ocorreu com a página de Isadora.

Os dois exemplos acima ilustram os “blogs de nós”. Ainda que a escrita seja também política, nos “blogs do eu”, esta não é o foco temático. O objetivo é, antes, expressão pessoal e intercâmbio com outros leitores, muitos também autores. A cartunista Sirlanney descreveu seu blog através de um pequeno texto publicado em seu tumblr – rede social que uniu características das anteriores fotolog e blog, com publicação e compartilhamento de fotos próprias ou de outros usuários, e espaço também para textos, ainda que este recurso seja menos utilizado. Com escrita bem-humorada ela nos ambienta na origem de seu blog, dez anos atrás, e comenta o que pensa, hoje, sobre o antigo conteúdo por ela publicado.

Eu continuei com o blog para publicar textos, pequenos contos e crônicas. Em 2004, a moda era ter (ou eu achava que era) nomes bacanas para o título e o endereço do blog, eu escolhi o Magra de Ruim. Antes era pior, era “sheena is a punkrocker”, “junkie girl”, ou outra coisa “sou muito doida” do tipo que me deixa vermelha por falar. Nunca escrevi muito regularmente no blog Magra de Ruim, mas publiquei alguns textos dos quais me orgulho e outros que nem tanto, alguns foram impressos, outros ainda esperam ser...<sup>11</sup>

Ana Cláudia Viegas propõe uma relação entre os blogueiros de agora e a geração de “poetas marginais” da década de 70, por conduzirem sua produção de forma autônoma, sem a dependência de editores. Enquanto os poetas de então editavam seus próprios livros e se aproximavam dos leitores, os blogueiros de hoje mantêm controle de seu espaço virtual. Ambos encontraram um canal de

<sup>10</sup> Disponível em: <<http://www.desdecuba.com/generaciony/>> Acesso em: mar. 2014.

<sup>11</sup> Disponível em: <<http://sirlanney.tumblr.com/magraderuim>> Acesso em: 28 jan. 2014.

contato direto com seu público. Nas palavras ditas por Heloísa Buarque de Holanda, estes poetas traziam “a novidade de uma subversão dos padrões tradicionais de produção, edição e distribuição de literatura”. A internet é um novo espaço de circulação entre leitores e escritores, permitindo um diálogo mais direto e possível com um leitor de blog, diferente do que acontecia com o leitor de crônicas de jornal, por exemplo. Nos blogs, a troca pode ser imediata, bastando apenas que o blogueiro e o leitor estejam “conectados” no mesmo instante.

Observemos algumas interações entre blogueiros e seus leitores. Abaixo, um exemplo de diálogo nessa postagem do blog da poeta e atriz Patrícia del Rey, moradora de Brasília. Patrícia lançou um livro com textos antes publicados em seu blog e, em alguns destes, manteve também os comentários, como um complemento ou extensão de sua escrita. O exemplo abaixo se encontra exatamente assim, em blog e livro:

**“SEXTA-FEIRA, ABRIL 30, 2010**

Poderia morrer essa madrugada, estraçalhada no concreto. Ou submersa no Lago Paranoá. Virar comida de peixe, lenda urbana, pedaços de seca. Conseguir me espalhar por todos os monumentos brancos, dores pingadas de um lamento. Rabiscar essa espera infinita e fazer um quadro abstrato com cores frias. Não passar pelo caminho da tua casa, não sentir a lembrança estampada no meu rosto marcado. Ser um pequeno azulejo quebrado do parque da cidade. E cessar qualquer esperança chula de uma felicidade mofada.

1 comentário.

Cineasta 81 disse: Que deprimente.<sup>12</sup>

Abaixo, um comentário publicado no blog do argentino Daniel Link a propósito de um texto<sup>13</sup> em que ele relata o porquê de escrever em um blog:

**Marcela dijo...**

Daniel, estoy pasando este primero de mayo escribiendo un trabajo sobre vos.... Tema "El yo recurrente en la obra de Daniel Link". o tal vez "La verdad en D. L".... Quién sabe!!!! Te voy contando cómo queda. Un beso y me encanta tu blog, no solamente por ser estudiante de letras, sino por la frescura...y tantas cosas!!! Besos<sup>14</sup>

<sup>12</sup> Disponível em: <[http://entreataberta.blogspot.com.br/2010\\_04\\_01\\_archive.html](http://entreataberta.blogspot.com.br/2010_04_01_archive.html)> ou no livro de mesmo nome com seleção de textos do blog feito pela autora, p.73

<sup>13</sup> Postagens incluídas no anexo

<sup>14</sup> Disponível em: <<http://linkillo.blogspot.com.ar/2005/01/por-qu-empezaste-llevar-un-blog.html>> Acesso em: mar. 2014

No blog<sup>15</sup> da poeta e aluna deste Mestrado, Alice Sant’Anna, há diversos temas de comentários: pedidos de autorização para publicação de seus poemas em revistas acadêmicas, elogios aos seus escritos, relatos de sensações sentidas durante a leitura das postagens e até declarações anônimas de amor. Ainda que tenha abandonado o blog há alguns anos, aparecem comentários recentes, incluindo os de leitores de seus livros que, ao pesquisarem na internet sobre a poeta e sua obra, “descobriram” seu blog:

Lílian Alcântara disse...

que boa surpresa abrir o blog meses depois a procura de um poema velho que possa calar a chuva e descobrir que Alice deixou um novo poema. Mas que má ideia essa de já quase não atualizar.

sexta-feira, janeiro 20, 2012

Anônimo disse...

Droga, você devia escrever mais, mulher. Odeio atualizar aqui e não ver nada novo, sou obrigado a reler tudo de novo, tanto que já decorei tudo, haha.

sábado, março 31, 2012

Frases Partidas disse...

Olá, Alice! Li, no jornal Zero Hora, há alguns dias atrás, uma poesia tua. Adorei! Também sou poeta e gostaria de trocar umas ideias! Abraços!

quinta-feira, junho 14, 2012

Anônimo disse...

alice, se vc quiser namorar to aqui, sou apaixonado por vc e seus textos, terá apenas q lidar com a diferença de 10 anos (acima de mim)

sábado, maio 18, 2013

Os tipos de comentários citados servem-se da experiência do sujeito que escreve. Os blogs que se concentram em desabafos, confissões, autoanálise, em geral, revelam ambição literária, usando as palavras para produzir imagens inusitadas, experimentando efeitos estetizantes. Outros blogs são de caráter explicitamente “literário”. Ambos estilos de escrita sugerem comentários centrados, na maioria das vezes, na apreciação da linguagem ou em uma reação às emoções comunicadas. Ainda que existam outras espécies de comentários como pudemos observar. Já os blogs voltados para reivindicações sociais, escolhem um estilo mais “jornalístico”, com escrita que se assemelha às crônicas publicadas em

<sup>15</sup>Disponível em:

<<https://www.blogger.com/comment.g?blogID=23935210&postID=822005007116117222&isPopUp=true>> Acesso em: mar. 2014

jornais, e se concentram em questões gerais, incentivando, nos leitores, o impulso de participação política.

Em uma postagem “comemorativa” do Dia do Professor, Yoani utiliza-se de uma estratégia muito presente em seus textos: parte de um acontecimento cotidiano de sua vida para abrir uma reflexão a partir de seus pontos de vista sobre algum problema local de seu país. Desenvolvendo um relato, inscreve-se nas grandes questões políticas. Como havia dito Chacal, em citação neste trabalho, as histórias individuais não são menos importantes que as manchetes do jornal. Alguns blogs e outros espaços pessoais da internet podem ser lidos como um abrangente jornal de notícias dos comuns, suas opiniões, memórias, suas expressões artísticas. No blog de Yoani, antes do espaço para o leitor escrever seu comentário, são apresentadas algumas indicações (não regras) de comportamento para esta escrita, como, por exemplo, não utilizar letras maiúsculas em todo o texto pois soará como grito ou alarde (é uma “acordo” característico da escrita na internet), e que o objetivo principal do espaço é “debater com respeito e civilidade sobre Cuba”. A cubana, nessa postagem de janeiro de 2013, recebeu 717 comentários.

Anoche, una vecina tocó a la puerta; eran cerca de las diez. Su nieto debía llevarle un regalo a la maestra y la señora buscaba papel de colores con que envolverlo. En algún lugar nos quedaba un pliego pintado con florecitas lilas, que resultó suficiente para cubrir un par de jabones y un creyón de labios. (...) El día del educador ha sido, desde siempre, una gran fiesta en todos los colegios cubanos (...) Sin embargo, no son tiempos para celebrar demasiado ni para tapar con conmemoraciones la situación actual de este importante sector. (...) Esa desproporción -entre lo que disfrutábamos y lo que realmente podíamos permitirnos- quedó en evidencia cuando el subsidio soviético se cortó y las escuelas del país entraron en una profunda crisis de la que aún no se recuperan. Una crisis que no sólo incluye el deterioro físico de los locales y de las aulas, sino también la pérdida de calidad docente y la devaluación ética y moral de la educación.”<sup>16</sup>

O que Yoani faz é uma espécie de micro-política, a escrita revolucionando, trapaceando, tomando corpo na rede desenhando-se em liberdade. O que Yoani faz pode ser literatura se esta for vista, à maneira de Barthes, como sendo a prática de escrever. Seria ela também escritora baseado no que ele por isso entendia: “não o mantenedor de uma função ou o servidor de uma arte, mas o sujeito de uma

<sup>16</sup> Postagem completa em anexo e disponível em: <<http://lageneraciony.com/dia-del-maestro/>> Acesso em: mar. 2014.

prática”<sup>17</sup>. As reflexões sobre a escrita que Yoani faz enquanto escreve me lembram certos trechos onde percepções argutas definem a redação. É como se o texto da cubana dialogasse com o de Clarice, por exemplo: “Escrevo por profundamente querer falar. Embora escrever só esteja me dando a grande medida do silêncio”<sup>18</sup>.

Para Yoani, seus escritos são algo classificável entre a “crônica, o exorcismo pessoal e o grito”, comprovando a necessidade de tornar mais abrangente o conceito de literatura diante das novas manifestações surgidas. Yoani Sánchez, graduada em Letras, escreve em primeira pessoa e seus textos são híbridos de crônicas do cotidiano, lirismo, manifesto político, autoficção, com doses de informação jornalística e análise crítica da realidade, fugindo a todas as categorizações. A própria define-se como “uma mescla rara de hacker e linguista” (SÁNCHEZ, 2009,p.14),e faz questão de salientar que não tem a “objetividade do analista, as ferramentas do jornalista nem a leve moderação de um professor universitário” (p.15). É uma escrita de difícil classificação, o que acredito ser uma característica muito interessante. Em que prateleira o vendedor colocará seu livro (o dela)?

No caso de Yoani, a espécie de escrita me parece um diário aberto, um caderno sem cadeado, ao mesmo tempo íntimo e exposto. Ferida aberta esperando o sopro que cicatriza a dor. Um diário, “livro de aparência inteiramente solitário”<sup>19</sup> (e aqui friso a palavra “aparência”, em relação aos blogs), como li em um trecho de Blanchot, tem esse princípio de dizer verdades, e “é escrito com frequência por medo e angústia da solidão que atinge o escritor por intermédio da obra”. O que Yoani tenta com seu diário virtual é não ser apagada, é dar permanência e lugar ao que diz ser verdade, tornar o que diz verdade, mais uma entre as outras todas.

Pode-se pensar que a atitude dos blogueiros é como se escrevêssemos um diário e mostrássemos para alguns amigos. Vai além. Desconhecidos podem lê-lo. Um blog é como “um velho diário perdido na areia esperando que você me

<sup>17</sup> BARTHES, Roland. *Aula*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Editora Cultrix, 1978, p.26.

<sup>18</sup> LISPECTOR, Clarice. *A paixão segundo G.H.*

<sup>19</sup> BLANCHOT, Maurice. *O livro por vir*.

leia”<sup>20</sup>. Mas há ferramentas como senhas ou ocultação de real identidade para minimizar a exposição do autor.

Quanto ao modo de registro de impulsos momentâneos ou idéias elaboradas, bem como sua divulgação e preservação, de minha parte, escrevo muitas coisas diretamente no computador. Escolha feita, como Letícia, por essa agilidade e rapidez das teclas. E também por muitas vezes estar frente à tela ou perto dela quando me surgem ideias ou desejos de escrita. Mas o processo não segue sempre este padrão. Blocos, cadernos, papéis e celular são utilizados para anotar e escrever a lápis, a caneta (ou lápis de olho) e depois (ou nunca) transferidos para o blog. Já comecei duas vezes o processo de salvar tudo o que escrevo na internet. Nunca consegui organizar todo esse material. E somando-se, hoje, as escritas em facebook, twitter e instagram, perco-me com o alcance de minhas próprias palavras. Não sou uma pescadora capaz de domar esse polvo. Em entrevista (em anexo) alguns blogueiros revelaram que ferramentas utilizam para salvar “offline” seus textos, como Mariáh que assinava a própria lista de seu blog para ter tudo salvo no email. Outros revelaram não se preocupar com isso, e a professora Ana Enne, apenas ao deparar-se com esta questão, percebeu o quão inseguro é arquivar textos somente na web: “Agora vc me alertou pra isso, gente! Pode sumir, né? Vou salvar alguns, sim. Mas num fazia antes, não”.

#### 4.4 Saberes e fantasias

Há limite entre ficção e teoria?

Há limite entre invenção artística e verdade?

Gosto de Ana Cristina César porque ela brinca com esses limites. O livro *A teus pés* é composto por um conjunto de poemas curtos, prosa, páginas de diário e correspondência. Há um tom de intimidade escancarado que, segundo ela, é construção, “Aqui não é um diário mesmo, de verdade, não é meu diário. Aqui é fingido, inventado, certo?” (CÉSAR, 1999, p.21) Essa proximidade forjada seduz o leitor, captura-o e o melhor a se fazer é deixar-se guiar por esse canto hipnótico da sereia Ana. É costume do leitor procurar brechas, falhas onde o escritor possa mostrar-se, revelar algo escondido entre as palavras. Mas para Ana não há

---

<sup>20</sup> Música *Esperando Aviões*, da Vander Lee. Letra disponível em: <<http://letras.mus.br/vander-lee/81190/>> Acesso em: mar. 2014.

entrelinhas: “eu acho que, no meu texto, e em poesia geral, não existe entrelinha. (...) Entrelinha é uma mistificação.” (p.262) O que pode existir é o não dito. A escrita não seria mais que a materialidade própria do texto. Como se não houvesse nada escondido, pois, ao contrário, “a poesia revela”. A intimidade mesmo nunca se alcança. Porque ela não pode estar em palavras, porque “não é comunicável literariamente”, o que a gente chama de subjetivo não se coloca na literatura.

Escrevo também em tom íntimo.

Mas não tenho mais diários. Nem publiquei livros. Por enquanto, dois contos em coletâneas. Escrevo em blogs. Tenho caderninhos e a maioria do que escrevo neles se transporta para a internet. São, de certa forma, diários. Sem preocupação com datas, sem preocupação com a veracidade dos fatos. Mas quem lê sempre procura “algo a mais”. Antes de contar minha relação com os blogs, darei um exemplo. Segue abaixo como foi “postado” no meu site:

Domingo, 9 de dezembro de 2012  
[de la duda](#)

hoje derramei minha primeira lágrima  
 por você.  
 desceu quente e demorada  
 indo morrer em minha  
 boca.  
 tardes terminam com a promessa  
 de novas manhãs.  
 depois dormi.  
 e o meu sonho não direi.

Postado por [Aline Miranda](#) às 18:57 [Nenhum comentário](#).<sup>21</sup>

Esse poema foi escrito primeiro no caderno, depois fotografado e publicado na minha conta do instagram e posteriormente compartilhado na minha página do facebook. (O mundo anda tão midiático, tão fragmentado! Penso melhor. Não fragmentado, mas multifacetado, não partilhado, compartilhado.) Nenhum comentário. Público. Mas respostas vieram. Uma pessoa que não conheço elogiou a letra (na foto) e perguntou “De quem é? Muito bonito!”. Pois era meu. E o peso em responder: “Sou escritora”? Mas ganha-se a vida assim? Não. Não financeiramente. Mas ganho a vida, sim.

<sup>21</sup> Publicado em <<http://outrasbagatelas.blogspot.com.br/2012/12/de-la-duda.html>> Acesso em: mar. 2014.

Foto disponível em: <<http://instagram.com/p/TCEtygPcMB/>> Acesso em: mar. 2014.

Este foi o primeiro impacto de minha escrita particular circulando na rede. Muitas pessoas “curtiram”, espero que com sinceridade. E os mais próximos quiseram conhecer os bastidores desta escrita. Sim, houve lágrima. Mas nem chegou à boca. Não a provei. Logo que publicado (em rede virtual), a pessoa real de quem falava (sim, ela existe) me perguntou: “Chorou por quem?”. Brinquei respondendo com um texto mesmo da Ana Cristina César que diz que, felizmente ou infelizmente “um texto é só um texto. Ele não é pele, ele não é mãos tocando, ele não é hálito, ele não é dedos.”<sup>22</sup> Depois acabei revelando a identidade secreta à pessoa aprisionada em minha única lágrima, gelatinosa, mãos empurrando as paredes molhadas com desejo de fuga, claustrofobia. “Aline, nunca mais chore por mim”, ela disse. Revelei para trazer a poesia à vida. Pois, como Clarice, “escrevo como se fosse para salvar a vida de alguém, provavelmente a minha própria vida”<sup>23</sup>. Nos fragmentos amorosos de Barthes, ele disse: “seja ele filosófico, gnômico, lírico ou romanesco, há sempre no discurso sobre o amor uma pessoa a quem se dirige, mesmo que essa pessoa tivesse passado ao estado de fantasma ou de criatura a vir. Ninguém tem vontade de falar de amor se não for *para* alguém.”<sup>24</sup> Meus textos são tão cheios de mins.

Abaixo, uma postagem, de um de meus blogs, com um tom próximo ao mesmo tempo do diário (relatando uma viagem) e da carta (destinada a alguém), em versos. O título é o nome de um filme que eu assistira na cidade de Buenos Aires, referida no texto. Uma tentativa de, somando os estudos anteriores da língua espanhola e a vivência na cidade, inserir-me cultura nacional através do vocabulário argentino e da descrição das ruas em primavera. Foi escrito primeiramente em um caderninho, de dentro de um táxi e, depois de dois dias, postado no blog, com a urgência de que fosse lido por quem eu dedicara o texto.

---

<sup>22</sup> Disponível em:

<<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=553826517964164&set=a.352622691417882.107424.100000104630406&type=1&theater>> Acesso em: mar. 2014.

<sup>23</sup> LISPECTOR, Clarice. *Um sopro de vida*.

<sup>24</sup> *Fragmentos de um discurso amoroso*, de Roland Barthes. Foto da página do livro grifada em <<http://instagram.com/p/TOfqUqvcAr/>> Acesso em: mar. 2014.

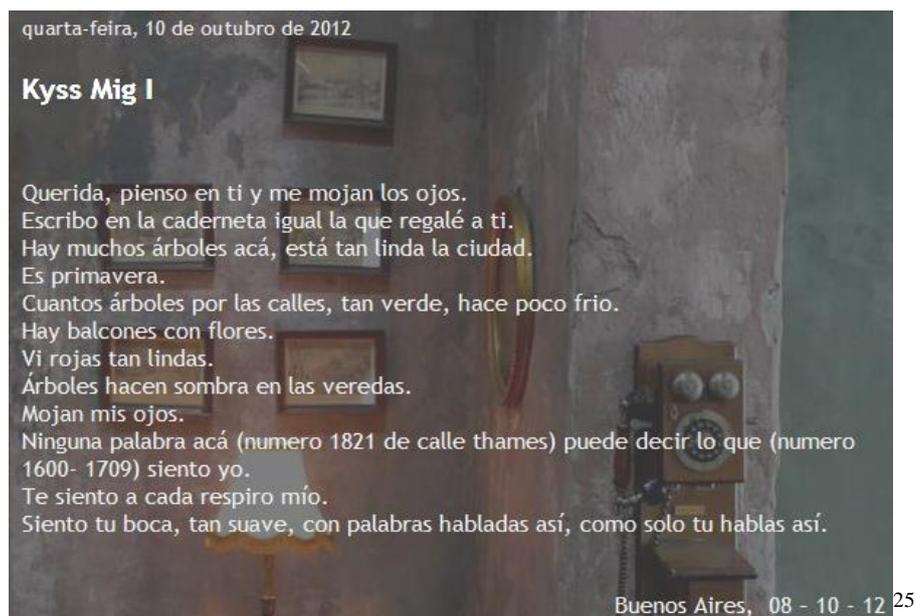


Figura 9 – Reprodução do Blog “Diário de uma escritora preguiçosa”

Os textos dos blogueiros citados são muito semelhantes às crônicas, com doses de informação jornalística e análise crítica da realidade, mas também aos diários, com escrita em primeira pessoa, relatos cotidianos, impressões, lirismo. São híbridos de manifesto político e auto-ficção. Uma vida inventada? Nem sempre é possível saber. “A intimidade era teatro”, disse Ana Cristina César.

Ana disse em uma conferência na Faculdade da Cidade que na literatura há alguma coisa que não é dita, que escapa, que o autor pretenderá dizer no próximo livro. Será o conceito de “obra”? E esse possível corte na poesia do último século teria relação com o urbano “que é assim cortado, caótico, fragmentado” (CÉSAR, 1999, p.261), diferente do que se lê nos poemas românticos, por exemplo. “A poesia moderna é uma poesia que se lanceta”(p.261). A escrita em blogs também é toda recortada, um link leva a outro espaço e, de repente, o leitor se encontra perdido e, sem a ferramenta de busca do histórico de “navegação” disponível no computador, jamais retornaria à ilha de partida. A palestra foi em 1983. Eu morava ainda na barriga de minha mãe.

#### 4.5 O blog como (possível) teste para o livro

<sup>25</sup> Disponível em: <<http://diariodeumaescritorapreguicosa.blogspot.com.br/2012/10/kyss-mig-i.html>> Acesso em: mar. 2014.

Experimento, investigo, curioso. Como le pasa siempre a quienes escriben diarios, mientras tanto me transformo. Después de todo la primera etapa de mi bitácora fue un diario de viaje que recién cuando se transformó en libro adoptó un título ("Diario de un recien casado") que me obligó a responder al significante. Antes del blog, podría decirse, yo era una máquina sino célibe, al menos soltera.<sup>26</sup>

O argentino Daniel Link, autor do trecho acima, criou seu blog para poder compartilhar com seus amigos uma viagem que fazia. Algum tempo depois, tais textos foram editados em um livro. Outros vieram e o blog continua no ar, com atualizações frequentes de textos, ora pessoais, ora acadêmicos, ora de crítica literária, ora de opinião. Link diz que o blog é o espaço que encontrou para dizer o que não cabe nos livros que escreve nem nas aulas de literatura que leciona na Universidad de Buenos Aires. Há, em seu blog, alguns relatos de acontecimentos particulares de sua vida. Em um texto específico (que se encontra completo no anexo), Link relata um convite que lhe fora feito para uma Parada Gay no Rio de Janeiro que ocorre com uma sucessão de mal entendidos e percalços culminados com um acidente do autor ao cair de cima de um trio elétrico. Apesar do relato que, de tão incrível, parece ficção, Link ri de si mesmo e nos conta, com humor e grande domínio das técnicas de escrita, traços de nossa cultura brasileira em um texto que, mesmo sendo longo em relação ao que se costuma observar em blogs, amarra o leitor entregando novos e interessantes detalhes a cada linha. A escrita como exorcismo. Segundo Link, assim como acontece com os diários, a escrita do blog transforma quem escreve.

Dentre tantas outras perguntas que surgem ao estudar blogs destaca-se: Enquanto o texto está na internet Yoani é considerada blogueira. Editar um livro com um apanhado de seus textos do blog pode fazê-la ganhar o “status” de escritora? Não seriam os blogueiros de certa forma autores também, se também se utilizam da escrita como expressão? Na internet a identidade do autor é frequentemente questionada. Quantas vezes nós mesmos recebemos e encaminhamos emails ou textos no Facebook com belos textos de Veríssimo, Clarice, Caio Fernando ou Jabor, artistas que, em verdade, nunca os escreveram? As palavras são apropriadas, recortadas, reformuladas e, a cada nova apropriação,

---

<sup>26</sup> Disponível em: <<http://linkillo.blogspot.com.ar/2005/01/por-qu-empezaste-llevar-un-blog.html>> Acesso em: mar. 2014.

um novo nome a identifica, o autor não é mais único, não há a “segurança” de uma edição impressa. Além da relativa falta de controle e sistematização da internet – falta que põe a autoria das postagens em suspeita –, ainda se considera o espaço virtual como indisciplinado pois (com vantagens e desvantagens) não exerce controle sobre o que é publicado. Já o impresso passa pelo crivo editorial.

Patrícia Del Rey, no prefácio de seu livro, comenta essa relação blog-livro:

Um blog é frágil. Agrega covardia também. Basta clicar no botão, e extermino todas as partes. Viro lembrança, página não encontrada. Eu apago a poeta que existia ali. Assumir um livro é outro passo. É estar na prateleira, etiquetada, embalada pra presente. É se por à prova. Tatuar letras permanentes. Imprimir uma parte de si. A parte escolhida. Marcar o tempo que passou. É ser palavra sem prazo de validade. (DEL REY, 2011)

Mas porque o blog e não o livro? Ou os dois? No segundo texto que escrevi em meu atual blog, havia um comentário a ser destacado de uma pessoa que não conheço pessoalmente e com a qual perdi contato, pois, procurando na internet, fui informada de que “esse usuário não existe mais”. A pessoa assinava-se Isabel e dizia assim:

Ois!! Eu li esse seu texto!! Menina, q lindo!! Tem gente q nasce com voz de veludo, outros possuem um ouvido absoluto, mas vc nasceu com o dom que, para mim, é um dos mais incríveis!! Vc veio poeta! Escreve maravilhosamente, naturalmente e simplesmente BEM!! beijos de quem comprará muitos livros seus! bela<sup>27</sup>

Transcrevi (quase) exatamente como estava escrito, com as abreviações características da escrita na internet, repleta também de muitos sinais de exclamação ao final das frases, e do uso de letra maiúscula quando se quer demonstrar empolgação (de entusiasmo ou raiva). Relendo este comentário pensei na questão blog *x* livro. Naquela época, eu não pensava em escrever um livro. Havia o desejo, desde sempre, mas eu não me sabia capaz de. Eu, sem contato com o “mundo real” da escrita, desconhecia os meios possíveis para tal realização. Muitas vezes o espaço do blog é um aliado para os escritores iniciantes, uma maneira de jogar seu texto a teste, arriscar-se ao olhar do outro. Ao escrever um livro, o escritor pode mostrar seus rascunhos a alguns amigos de confiança,

<sup>27</sup> Disponível em: <<http://outrasbagatelas.blogspot.com.br/2007/05/numa-tarde-dessas.html>>  
Acesso em: mar. 2014.

colegas de profissão ou ao editor somente. Não se alcança o olhar do outro, desconhecido. Ainda que exista certa diplomacia no meio virtual quanto a opiniões e críticas, o número de acessos ao blog, as visualizações, e principalmente os comentários, são um termômetro para quem escreve e dá seu texto à tapa na rede.

Assistindo uma entrevista da dupla musical Luli e Lucina arrisco-me a dizer que o blog funciona como os shows que o músico faz (elas faziam, talvez todos deveriam fazer) antes de entrar em estúdio para gravar um disco. Blogs e shows como termômetro do que funciona ou não, um teste, uma prévia antes da confecção do material que não poderá ser alterado depois, o livro, o disco. Uma tentativa de buscar justamente o diálogo, a construção com a parte mais interessada, depois do criador, nesse objeto: o receptor. Para Alice Sant’Anna, em entrevista em anexo, o blog foi um começo importante, “uma prévia do livro” mas “nem sempre o blog é só essa ponte, muitas vezes é a forma final por si”. Há blogueiros que nunca virão a editar um livro. No entanto, para os que têm esta pretensão, o blog pode ser um excelente espaço de treinamento de escrita.

Também quero, como disse Patrícia Del Rey, me tatuar “*ad aeternum*”. Mas tenho pavor de agulha. Que seja através de um livro, então. Participo de um blog, TremaLiteratura<sup>28</sup>, em que colunistas se revezam quinzenalmente na escrita de textos. Há o projeto, já em andamento, da publicação de um livro com uma coletânea de nossas postagens. É diferente estar na web e estar na prateleira. Leio bastante na internet mas gosto muito do objeto livro. E não há oposição entre esses dois espaços. Complementam-se. O blog reatualiza o livro. Como indica a primeira página do livro de Patrícia: “Quer comentar? O livro continua sendo escrito virtualmente. Basta acessar o blog e adicionar seus comentários na postagem escolhida”.

Segundo Patrícia e o coletivo brasileiro de artes, do qual faz parte...

---

<sup>28</sup> Disponível em: <<http://tremaliteratura.com/>> Acesso em: jan. 2014.



Figura 10 – Fotografia presente no livro de Patrícia del Rey

Um dos blogs que acompanhei por muito tempo, o, já citado, *Para Francisco*, também editado em livro, teve recentemente postagem de um texto<sup>30</sup> com diálogo entre mãe e filho. A mãe, que perdera o marido Guilherme durante a gravidez de Francisco, escreveu para que no futuro, de alguma forma, o filho conhecesse mais detalhes de seu pai e de seu próprio desenvolvimento. Francisco, que agora está aprendendo a ler, “descobriu” que a mãe lhe escreveu um livro. A conversa termina assim:

- E se a gente construísse a máquina do tempo, eu ia encontrar meu pai Guilherme, né, Mamãe?
- Talvez o livro seja isso, filho. Uma espécie de máquina do tempo.

O blog é também uma máquina do tempo. Porém falha. A qualquer instante, pode explodir ou autodestruir-se e já não mais será possível voltar ao passado acessando textos antes online. Segundo Denise Schittine, o “diário na internet é uma memória viva, borbulhante, mutável”<sup>31</sup>. Ainda assim, é um excelente espaço de visibilidade, diálogo e encontro, pois Schittine afirma que, para além do narcisismo, o autor de blog busca pelo seu semelhante, pois vê no outro um reflexo.

Quando eu escrevia as linhas finais desta dissertação, “presenciei” um acontecimento ilustrativo desse deslizar entre mundos, real e virtual, público e privado. Pedro Fonseca, em sua página do facebook, compartilhou um link que

<sup>29</sup> Fotografia do Coletivo Transverso, do qual Patrícia faz parte, presente em seu livro.

<sup>30</sup> Postagem completa em anexo e disponível em:

<<http://cartasparafrancisco.wordpress.com/2013/07/09/o-livro-e-a-maquina/>> Acesso em: mar. 2014.

<sup>31</sup> SCHITTINE, Denise. *Blog: comunicação e escrita íntima na internet*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

descreveu com o seguinte enunciado: “A internet das coisas? Nada. A internet das pessoas. Humana, compartilhada e real”. Era o texto *Hora de mudar de vida*<sup>32</sup>, que a colunista Milly Lacombe publicou em seu espaço no site da revista TPM num entrecruzamento de carta e narrativa que começava com: “Esse foi o combinado. Passaríamos uma noite juntas e depois cada uma seguiria sua vida. Seria como um experimento para você ver o que sentiria indo para a cama com outra mulher”. Nas linhas seguintes a autora discorreria os dez anos de relacionamento, terminando o texto - desculpem ter que revelar o final - com o pedido “público”: “É que talvez seja hora de mudar algumas coisas, de cruzar uma outra fronteira, de dançar um pouco mais na cara do preconceito. Por isso eu queria perguntar: você quer casar comigo?”. Como aponta Luiza Lobo, o mundo virtual paralelo é simultâneo ao mundo do real. Sem contradições. É a partilha do íntimo, de maneira criativa, difundindo, para inscrever-se na memória coletiva, uma história pessoal e seu possível novo desdobramento através da ferramenta de maior alcance de nossa época: a internet.

---

<sup>32</sup> Disponível em: <<http://revistatpm.uol.com.br/revista/140/colunas/hora-de-mudar-de-vida.html>>  
Acesso em: mar. 2014.